

# O Progresso Catholico

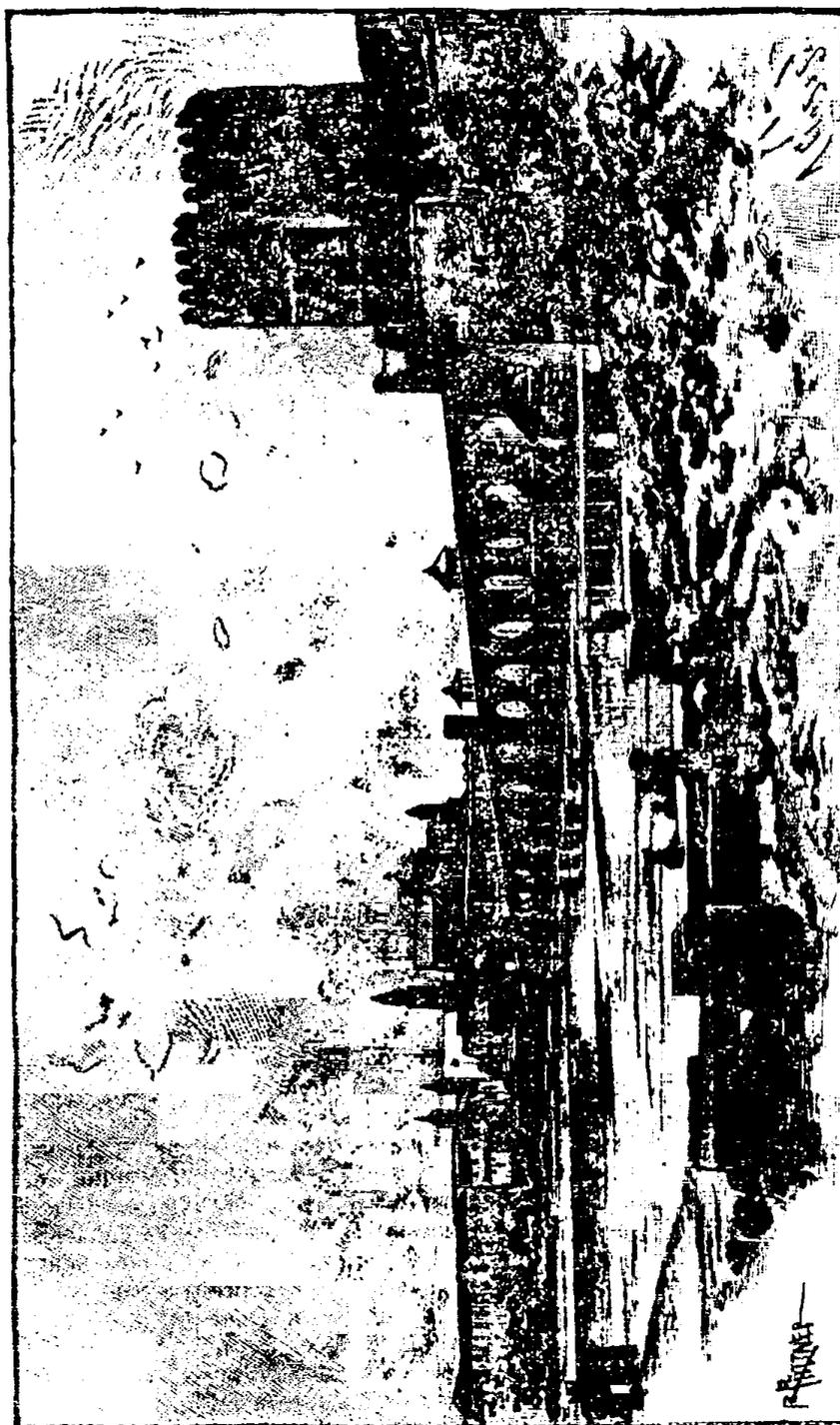
... sequor autem, ut quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt prius extendens malis  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



CORDOVA—TORRES E PONTE ROMANAS

SUMMARIO: Seccão Religiosa: *Festividade em Mocambo*, por J. L.—Seccão Scientifica: *Jurisprudencia canonica—Alienação dos bens da Igreja*, por F. A.—Seccão historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 43.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Seccão critica: *Roma intungivel—lei do mundo moderno*, por J. A. R.; *Baviera*, por Dom Antonio d'Almeida.—Seccão Bibliographica, por E. L.—Seccão Necrologica, por D. P.—Seccão Illustrada, por M. F.—Seccão Litteraria: *No cemiterio*, por A. Moreira Bello; *Brevidade da vida humana*, por \*\*\*.—Retrospecto, por M. F.

GRAVURAS: *Cordova, torres e ponte romanas; Cruzadas.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Festividades em Mocambo

PEÇO a V., sr. Redactor, se dignar guardar um cantinho nas columnas do seu órgão Catholico, a fim de levar a consoladora noticia da verdadeira e sincera devoção consagrada á Santissima Virgem, n'esta Cidade de Lisboa.

Acabamos d'assistir, repletos de jubilo, á consagração do Mez de Maria, feita pelas Irmãs Hospitaleiras da Terceira Ordem de S. Francisco d'Assis, no Convento das Trinas do Mocambo, cuja devoção por motivos anteriores, costumam por este tempo fazer as referidas Irmãs. No dia 18 d'outubro, pelas 5 horas da tarde teve principio esta devoção.

Na bocca do Camarim, destacava-se a veneravel Imagem de Nossa Senhora de Lourdes com a Bernardette, dentro d'uma Grutta que tomava todo o throno, e descia até ao altar mór, em forma de penhasco, apresentando um aspecto elegante, recordando aos assistentes a grutta de Massabielle; aqui foram pois tributados durante um mez os cultos seguintes:

Pelas 5 horas da tarde, havia a exposição do Santissimo Sacramento á bocca do Sacratio. Seguiam-se os actos, meditação, exemplo etc. em seguida, pratica no pulpito, quasi todos os dias, e no fim d'esta, a recitação do terço, concluindo com a Ladainha acompanhada a órgão, *Tantum-Ergo*, Bênção do Santissimo, e no fim uns canticos á Virgem, tambem acompanhados a órgão.

No dia 18 de novembro deu entrada na igreja do referido Convento, o sagrado Lausperenne; a Imagem da Santissima Virgem foi collocada no seu altar o qual estava adornado com bellissimos ramos postos com elegancia e semetria; ardião em torno da Imagem grande quantidade de lumes, fazendo tudo isto uma vista surprehendente.

No dia 18, pelas 11 horas da manhã, começou o primeiro Sagrado Lausperenne; festejou-se n'esse dia o glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis, prégando ao Evangelho Monsenhor Romão Guimarães. Com aquella eloquencia que lhe é propria engrandeceu as heroicas virtudes do glorioso Santo; chamando a attenção do auditorio para

a conveniencia de cultivar em todos as mesmas virtudes; mostrou tambem a grande vantagem que tinhamos em Portugal possuindo n'este paiz a Congregação das Irmãs Hospitaleiras, já pelos serviços que estas prestam á humanidade desvalida ou infantil, já pela recordação que nos trazia dos tempos passados, em que a religião prosperava entre nós. Foi por vezes sublime.

Na tarde d'este mesmo dia subiu ao pulpito, o Ex.<sup>m</sup> Prior de Carnide, mostrando em largos traços o quanto o glorioso Patriarcha foi sublime em virtudes e quanto bem nos tem vindo do inflamado desejo que teve de fazer bem á humanidade com suas obras e exemplo, e como Deus lhe retribuiu mesmo em vida suas virtudes.

No dia 19, foi a festa dedicada a Santa Izabel, Rainha d'Hungria. Prégo ao Evangelho o muito Rev.<sup>o</sup> Padre Conceição Vieira.

Falou das sublimes virtudes que praticou a gloriosa Santa, mostrando-a como modelo em todos os estados, e como primeira Irmã de caridade que tudo repartia com os pobres, tendo só em vista conseguir a eterna felicidade a que todos devemos aspirar.

De tarde subiu ao pulpito o muito Rev.<sup>o</sup> Prior do Sacramento; falou ainda das heroicas virtudes d'esta gloriosa Santa, convidando a que todos imitassem suas virtudes.

No dia 20 foi a festa dedicada ao Senhor dos Passos, e Bom Jesus da Redempção; ao Evangelho prégo o muito Rev.<sup>o</sup> Padre José Ricardo Freire d'Andrade. Desenrolou o quadro sanguinolento do tracto do Calvario, traçando-o com tão vivas côres, que n'elle fez realçar o ardente amor do nosso Bom Jesus querendo morrer por nós, deixando Se como penhor do seu amor entre nós, no divinissimo Sacramento dos nossos altares.

Na tarde d'este dia pertenceu discursar ao muito Rev.<sup>o</sup> Padre João Antonio Pires Monteiro. Mostrou a coragem e resignação da Santissima Virgem, cuja Imagem dolorosa, se acha junto da do Senhor dos Passos, representando o passo do encontro. Esforçou-se quanto permittiam suas forças, para que amassemos a quem tanto nos ama e tão duramente soffreu para salvar-nos. Terminou a festividade como nos dias anteriores, havendo no fim a deposição do Santissimo Sacramento. No dia 21 houve Communhão geral,

fazendo a sua primeira Communhão 15 meninas, educadas pelas Irmãs; em seguida commungou toda a comunidade, no Côro de baixo, como costuma, e seguiu-se depois a Communhão ao povo na igreja, a qual foi muito concorrida, pois contaram-se 140 pessoas. A Communhão, foi administrada por Monsenhor Conego Thomaz d'Almeida Balthasar, tendo antes feito uma breve pratica dirigida ás meninas de primeira Communhão, tornando-se este acto bastante commovente.

Houve exposição do Santissimo, e seguiu-se a festa dedicada á Santissima Virgem; ao Evangelho prégo o muito Rev.<sup>o</sup> Padre José Ricardo Freire d'Andrade, exaltando as sublimes virtudes de Maria, como Rainha dos Céos e da terra e fazendo vêr quanto a Santissima Virgem é digna do nosso amor e confiança.

De tarde subiu ao pulpito o muito Rev.<sup>o</sup> Padre Augusto Duarte do Rosario, que com a sua costumada eloquencia, teceu á Virgem o mais bello elogio, e terminou dirigindo ás meninas da primeira Communhão algumas exortações bem tocantes, que commoveram a lagrimas de verdadeira alegria.

Era brilhante a vista de tão variadas flores que adornavam os altares, ardendo em toda a Igreja duzentos e tantos lumes; o throno estava adornado com muita elegancia e gosto; reinava sempre ordem e socego no povo que era numeroso espalhando-se até á Sacristia e ainda fóra da Igreja. Terminou-se a festividade d'este dia com a Ladainha, *Te Deum*, *Tantum-Ergo*, tudo cantado a órgão; Bênção do Santissimo Sacramento, no fim de tudo cantaram as Irmãs um hymno muito harmonioso, em despedida á Santissima Virgem, cujo cantico fazia deslizar as lagrimas em abundancia! Aqui fica, Snr. Redactor, um pequeno esboço dos cultos promovidos á Santissima Virgem pelas Irmãs Hospitaleiras, pobres de meios, mas ricas de bons desejos pela honra e gloria de Deus e Maria Santissima.

J. L.

## SECCÃO SCIENTIFICA

## Jurisprudencia canonica

## Sobre a alienação dos bens da Igreja

(Continuado do n.º anterior)

V

o que expozemos no artigo antecedente, claro é como a luz do sol, que, afóra os casos donde resulte evidente utilidade e necessidade urgente, devidamente comprovada, e competentemente auctorizada, ninguém, absolutamente ninguém, pode alienar os bens da Igreja, ainda mesmo que seja para applical-os a usos sacros.

E dado o caso de tal utilidade evidente, ou urgente necessidade, só ao Prelado diocesano compete auctorisar uma tal alienação até á quantia d'uns 50\$000 rs., o maximo, e o Papa d'ahi para cima.

E note-se que nem o proprio Papa pode absolutamente auctorisar a alienação dos bens de qualquer Igreja ou logar pio, sem se darem uma das duas circumstancias de utilidade evidente ou urgente necessidade, por isso que a alienação dos bens da Igreja não é somente prohibida por direito ecclesiastico, mas tambem por direito natural e divino, no qual o Papa não tem poder de dispensar.

(*Formularium legale praticum* de Monacelli, tom. II, pag. 174—1).

E' por isso que em direito canonico se ensina, que o Papa é apenas o su premo administrador dos bens da Igreja, como o definiu o Concilio de Latrão, celebrado no pontificado de Leão X, e só Jesus Christo é o legitimo senhor dos bens ecclesiasticos.

(Navarro, *consil.* 3, n.º 3.º *De immunitate ecclesiae*).

Os Papas, por tanto, auctorizando a alienação dos bens da Igreja em determinados casos, apenas declaram, como interpretes da lei divina, que ella então não obriga.

Eis aqui a razão, porque a Sancta Sé é tão rigida em manter o direito de propriedade, e tão cautelosa e exigente, quando se tracta de conceder a faculdade de alienar. E' porque, se assim não fôra, ella mesmo seria ré de sacrilegio deante de Deus, como diz o sabio canonista Monacelli—(*Formularium praticum*, tom. III, pag. 83.)

Em direito canonico os bens da Igreja chamam-se *sancta sanctorum*, patrimonio de Jesus C.—*C. nulli liceat; c. quicumque e seq.; c. cum secundum de praebend.* etc.

D'aqui se evidencia, que a juncta de

parochia de X, a que se refere a consulta, commetteu gravissimo peccado de sacrilegio, dispondo dos fundos da igreja para fundar e dotar a eschola, pois nem que o lizesse por necessidade ou evidente utilidade da mesma igreja, nem assim o podia fazer, ainda que fôra legitima administradora d'aquelles bens, sem o beneplacito do Papa, sendo a quantia applicada para tal fim certamente superior a 50\$000 rs.

Nem pode allegar em seu favor, que a lei civil a isso a auctorisa, em conformidade com os artigos 188, 189, 190 e 191 do Codigo Administrativo.

Por quanto, uma lei civil não pode nunca derogar as leis da Igreja, a não ser por virtude d'uma concordata com a Santa Sé, e não sabemos d'alguma neste sentido. As leis da Igreja, portanto, permanecem no seu pleno vigor, com força obrigatoria para todos os filhos da Igreja.

Por outro lado ainda, as leis canonicas não reconhecem nas junctas de parochia nenhum direito de administrar, e muito menos de alienar os bens da igreja.

E embora as junctas de parochia administrem os bens que pertencem ao culto; só são administradoras de facto, e não de direito, pois este só pertence aos parochos, sob a direcção immediata dos ordinarios diocesanos.

Aos parochos toca o dever de vigiar para que sejam applicados aos seus legitimos fins. E a estes devem as junctas de parochia dar conta de tudo, e nada fazerem sem seu previo consentimento e plena approvação. Isto é obvio e perfeitamente racional.

O contrario é despotismo, que a Igreja reprovará sempre como um enorme attentado contra o mais santo e legitimo de todos os direitos, que ninguém pode negar a qualquer sociedade legitimamente constituida, o de administrar os seus fundos e dar-lhes a applicação, que fôr mais conforme com o fim da sua instituição.

Conceder a uma corporação puramente civil a faculdade de dispor a seu talante dos bens consagrados pela piedade dos fleis para usos sacros, sem ouvir a Igreja, representada pelo parochio, é uma monstruosidade de tal ordem, que mal pode conceber-se, especialmente n'um paiz, onde a Religião Catholica se diz ser ainda a religião do Estado.

E se a lei civil não desvincula as junctas de parochia da obrigação de obrarem em conformidade com as leis canonicas, muito menos pode desobrigar os parochos de vigiarem, para que ellas se cumpram, e protestarem contra todo e qualquer abuso que as junctas de parochia pratiquem na administração dos bens ecclesiasticos, sendo

elles perante Deus e perante a Igreja seus unicos administradores, responsaveis, como diz o sabio dr. Philips. (*Du droit ecclesiastique* etc., tom. II, pag. 402, edic. franc. de 1855.)

Cedam embora á violencia da força, mas cumpram o seu dever, protestando contra a usurpação sacrilega dos direitos da Igreja, que teem a mais stricta obrigação de defender contra o despotismo do poder civil.

Fazendo-o assim, salvam a sua consciencia de tremendas responsabilidades. Deixando de o fazer, tem de tomal-as sobre si, pois se mostram coniventes com os actos sacrilegos da juncta usurpadora, e ficam obrigados a restituir á Igreja, o que elles, com o seu silencio, consentiram lhe fosse roubado, alem de incorrerem com a juncta nas penas canonicas comminadas na Bulla in *Coena Domini*, contra os que usurpam os direitos da Igreja, pois n'estas penas, diz Monacelli, estão comprehendidos não só, os que ordenam a sequestração, mas tambem os que a executam—*laici sequestrantes fructus beneficiorum, tam mandantes quam ministri exequentes*,—citando a este proposito o canonista Bonacina—*in Bulla Coenae, disp. 1, quest. 18, num. 8 e 9*. E dá a razão deste rigor das leis canonicas: porque é uma verdadeira impiedade que os fructos dos beneficios estejam sob a dependencia do poder dos leigos.—*Sapit enim impietatem quandam asserere quod fructus beneficiorum subiaceant protestati laicorum*.

VI

Por tanto, em vista do exposto neste artigo e no precedente, parece-nos ter fundamento para decidir:

1.º Que tanto a juncta da freguezia de X, como o parochio, são obrigados a restituir á Igreja lesada o dinheiro que foi applicado para a eschola; pois foi um verdadeiro roubo, que exige restituição.

2.º Que tanto aquella como este incorreram nas penas de excommunhão, fulminada por Paulo V na celebre Bulla in *Coena Domini*, onde este grande Pontifice se exprime do theor seguinte:

«Excommunicamus et anathemathisamus... Quicumque jurisdictiones ceui fructus redditus et proventus ad nos et Sedem Apostolicam et quasquaque ecclesiasticas personas, ratione Ecclesiarum, Monasteriorum et aliorum beneficiorum ecclesiasticorum pertinentes usurpant, vel etiam quavis occasione vel causa, sine Romani Pontificis vel aliorum, ad id legitimam facultatem habentium, expressa licentia sequestrant.»

Tanto a juncta como o parochio incorreram tambem nas terriveis penas

canonicas da Bulla *Ambiciosae* de Paulo II, que se exprime por estas textuaes palavras:

«Ambiciosae cupiditati illorum praecipue qui, divinis et humanis affectatis, damnatione postposita, immobilia et preciosa Deo dicata, ex quibus Ecclesiae, monasteria et pia loca reguntur illustranturque, et eorum ministri sibi alimoniam vendicant, *prophanis usibus applicare* (1) et cum maximo illorum ac divini cultus detrimento exquisitis mediis, usurpare praesumunt, occurrere cupientes.

3. Siquis contra hujus nostrae prohibitionis seriem de bonis et rebus eisdem quicquam alienare praesumpserit, alienatio, hypotheca, concessio, locatio conductio, euseudatio hujusmodi *nullius omnino sit roboris vel momenti, et tam qui alienat quam is qui alienatas res et bona praedicta receperit, sententiam excommunicationis incurrat.*»

Pio IX, de santa memoria, na Constituição *Apostolicae Sedis*, renovou todas estas penas que collocou entre as *novi reservatas*, com estas formaes palavras:

«Alienantes et recipere praesumentes bona ecclesiastica absque Beneplacito Apostolico, ad formam Extravagantis *Ambiciosae*. De Rebus ecclesiasticis non alienandis.»

Mais ainda: tanto a junta de parochia de X como o parochio, incorreram igualmente nas penas impostas pelo Concilio Tridentino, o qual se exprime assim:

«Si quem clericorum vel laicorum, quacumque is dignitate, etiam imperiali aut regali, praefulgeat, in tantum malorum omnium radix cupiditas occupaverit, aut alicujus ecclesiae, seu jusvis saecularis vel regularis beneficii, montium pietatis, aliorumque piorum locorum jurisdictiones, bona, census ac jura etiam feudalia et emphytheutica, fructus, emolumenta, seu quascumque obventiones, quae in ministrorum et pauperum necessitates converti debent, per se vel per alios, vi vel timore incusso, seu etiam per suppositas personas clericorum et laicorum, seu quacumque arte aut quocumque quaesito colore in proprios usus convertere illos que usurpare praesumpserit, seu impedire, ne aliis ad quos jure pertinent, percipiantur, is anathemati tan diu subjaceat, quandui jurisdictiones, bona, res, jura, fructus et redditus, quos occupaverit, vel qui ad eum quomodo cumque, etiam ex donatione suppositae personae, ecclesiae ejusque administra-

(1) Eis o proceder da juncta de X a par do tacito consentimento do respectivo parochio, ao qual, por que se callou, devendo protestar, se pode applicar o aphorismo juridico: *quis tacet, consentire videtur.*

tori et beneficiato integre restituerit, ac deinde a Romano Pontifice absolutionem obtinuerit. (Sess. XXII, c. XI).

A Egreja não só não reconheceu ainda, até agora, no poder civil ou nos seus agentes a facultade de dispor dos bens que a ella pertencem nem de os administrarem; mas condemna, como condemnou Pio IX, de santa memoria, os que ensinam que «a Egreja não tem o direito de adquirir e possuir», e que, por conseguinte, «os ministros sagrados da Egreja e até o mesmo Pontifice romano devem ser excluidos de toda a administração e posse das coisas temporaes» (Syllabus, n.º XXVI, XXVII, LIII.)

Nestas proposições condemnadas, o Papa não fez mais que applicar aos *Wicelistas* modernos, a condemnação fulminada, em 1418, no Concilio de Constança e por Martinho V, contra Wicel e seus erros.

E áquelles temerarios que ousarem taxar a Egreja de exaggerada em seu rigor por coisas temporaes, convidamos a meditar em as seguintes palavras da Encyclica *Quanta cura*, em que Pio IX se exprime assim:

«Adversarios de toda a ordem religiosa e social tem a insigne impudencia de dizer, que a excommunhão fulminada pelo Concilio de Trento e pelos pontifices romanos contra os invasores e usurpadores dos direitos e bens da Egreja, repousa sobre uma confusão da ordem espirital e da ordem civil e politica, e nao tem outro fim que não sejam interesses mundanos; que a Egreja não deve emittir decreto que possa ligar a consciencia dos fleis relativamente aos bens temporaes; que a Egreja não tem direito de reprimir por meio de penas temporaes os que violam as suas leis, que é conforme aos principios da theologia e do direito publico conferir e deixar ao governo civil a propriedade dos bens possuidos pela Egreja, pelas congregações religiosas e outros logares pios.»

(Encyclica *Quanta Cura* de 8 de dezembro de 1864).

Nós pedimos venia ao nosso sabio consulente de darmos tal extensão a resposta da sua consulta; porém a materia é tão grave e de natureza tão importante, que não podemos fugir ao ensejo de a esclarecer convenientemente.

No artigo immediato, veremos se na theologia moral ou no direito canonico achamos rasões, para aliviarmos a juncta e o parochio da freguezia de X do pezo enormissimo das responsabilidades, que tomaram sobre si, applicando a usos profanos a propriedade, que só pertencia a Deus e á Egreja.

F. A.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

43.º

CII

#### P. Antonio Terillo

ENTRE os famosos theologos que no seculo XVII tomaram parte nas questões escolasticas, e que por esse motivo gosaram de grande reputação e alcançaram immortal gloria, é sem duvida que deve enumerar-se o P. Antonio Terillo, da Companhia de Jesus: é um dos auctores classicos na sciencia dos principios fundamentaes da theologia moral.

Ainda que em nossos dias seja pouco conhecido, e as suas obras commumente pouco lidas, é certo que teve grande nomeada no seu tempo e ainda no seculo seguinte, sendo citado com honra por todos os moralistas. Santo Alfonso de Liguori chama-lhe homem doutissimo.

Nasceu Antonio Terillo na Inglaterra, no anno de 1623. Abraçou o instituto de Santo Ignacio em Roma, estudando philosophia e theologia no Collegio Anglicano que havia n'aquella cidade, com grande applicação e aproveitamento.

Foi Penitenciario apostolico no Loreto, professor de theologia em Florença e Parma, onde tambem ensinou philosophia. No Collegio d'esta ultima cidade regeu a cadeira de mathematica, foi prefeito dos estudos e reitor do mesmo Collegio.

O P. Terillo era versadissimo em mathematica, em todas as sciencias, com especialidade em theologia moral, e d'este assumpto publicou duas obras de muito merecimento, geralmente estimadas.

Na ardua questão do probabilismo, tão debatida nas escholas de theologia, deve ser consultada a obra d'este jesuita que trata extensamente da materia. Terillo seguiu a eschola probabilistica, a que depois deu grande auctoridade Santo Alfonso de Liguori, e a que teem adherido a maioria e a melhoria dos moralistas antigos e modernos.

Falleceu este sabio jesuita piamente em 1677.

CIII

#### P. Francisco Pomey

Foi este jesuita dotado d'um talento extraordinario, erudito, profundo em toda a litteratura sagrada e profana.

Por seu zelo, paciência, methodo e por seus vastos conhecimentos, parece ter nascido para instruir a mocidade nas sciencias e na religião. Dedicou-se particularmente aos estudos elementares das sciencias.

O P. Francisco Pomey era francez, e nasceu em 1618, entrando na Companhia de Jesus em 1636.

Foi por muito tempo prefeito dos estudos em Lyon, onde ensinou com geral approvação philosophia, theologia e rhetorica. Falleceu n'esta cidade a 10 de novembro de 1673.

Deixou varias obras sobre bellas letras, rhetorica e humanidades, que por muito tempo serviram de compendios nos collegios da Companhia, e que eram estimados por todos os sabios.

Tambem escreveu para a educação da mocidade um *Catecismo* theologico moral e uma *Instrução* Christã.

## CIV

## P. João Polanco

Nasceu em Burgos (Espanha), nos principios do seculo XVI, e vestiu a roupeta de Santo Ignacio no tempo d'este glorioso Patriarcha, logo em seguida á confirmação da Ordem.

João Polanco foi peritissimo em philosophia e em letras humanas, e ensinou estas faculdades na cidade de Padua.

Tornando-se conhecido o seu merito litterario e moral, foi chamado a Roma, onde serviu o cargo de secretario da Companhia, durante o generalato de Diogo Laynes e de S. Francisco de Borja. Por morte d'este ultimo Preposito Geral, foi eleito Vigario Geral da sociedade o P. Polanco, que n'essa qualidade convocou a Congregação onde subiu á suprema magistratura Everardo Mercuriano.

Não era menos digno de occupar este cargo o jesuita Polanco, e, se a eleição não recahiu sobre elle, deve-se isto á insinuação do Papa Gregorio XIII, que pediu para se eleger, ao menos por esta vez, um jesuita não hespanhol.

Como Vigario Geral, Polanco visitou a provincia da Sicilia, procedendo sempre com toda a justiça e prudencia, sendo geralmente respeitado por suas eminentes virtudes.

Falleceu este veneravel religioso da Companhia, benemerito de toda a christandade, a 21 de dezembro de 1577.

Escreveu muitas obras sobre diversos assumptos: a parte principal versa sobre theologia mystica, na qual patenteia o seu grande espirito.

(Continua).

P.\* João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

Roma intangivel,  
lei do mundo moderno

o celebre discurso de Palermo, cuja arrogancia e quichotismo passam as raias do verosimil, Crispi, delirante desde que entregou a librê bismarquina disse com entono olympico: O REI HUMBERTO DECLAROU ROMA INTANGIVEL—e essa affirmação irrompeu da Italia como A LEI DO MUNDO MODERNO.

Se tam solemne oraculo fruíra apenas a auctoridade do sycophanta truanesco que o proferiu, diriamos, encalhendo os hombros, como os órgãos mais notaveis da imprensa europea desde o *Times* ao *Primeiro de Janeiro* (!!!):

*Vozes de tal boca não chegam ao ceu; mas não é assim infelizmente.*

O ignobil ministro italiano pode affirmar: *ego vox clamantis*; sou apenas uma voz, mas essa voz é de quem clama em nome de todas as seitas reunidas, em nome do livre pensamento moderno, em nome d'essa porção da humanidade rebelde a Deus e que forceja por emancipar-se, consoante diz uma notavel circular maçonica, de todas as religiões supramundanas, filhas do instincto malfazejo das theocracias: mormente da mais pertinaz de todas—a religião catholica.

Como Gambetta proferindo em Romans á hora marcada a sinistra e diabolica declaração de guerra á Igreja: *o clericalismo eis o inimigo*, foi apenas o écho das lojas, assim tambem Crispi em Palermo é o arauto da impiedade e o seu dito satânico revela uma nova investida das cohortes infernaes contra a cidade sacrosanta, supremo baluarte dos filhos de Deus.

Sob esse ponto de vista, importantissima é a affirmação Crispina, e pôde considerar-se como o *desideratum*, o programma e senha dos nossos inimigos na hora presente.

Querem Roma arrebatada ao Summo Pontifice definitiva e absolutamente; querem Roma secularizada ou, melhor, feita novamente pagã e portanto expurgada do que elles chamam superfetacões do fanatismo e povoada de estatuas e monumentos exclusivamente profanos ou impios; querem que Roma, deixando de ser a capital do orbe catholico, fique sendo a metropole da impiedade, a mestra de todos os erros e vicios, numa palavra, a Babilonia moderna.

Não pode haver duvida sobre este intento das seitas. Proclamam-no em

todas as occasiões e de todos os modos:

«Se combattemos — disse Cavour no parlamento italiano em 11 de outubro de 1860, — é para te restituir, ó Roma, a tua antiga magestade, o teu antigo Capitolio, os teus antigos triumphos. Pio IX acrescenta por sua vez: Querem fazel-a mãe e mestra d'uma religião chamada de tolerancia, tal como a querem aquelles que não tem crengas na outra vida». «O papado — diz Crispi — é apenas um periodo transitorio da vida de Roma. Roma surgiu, viveu e imperou antes do papado temporal, ella permanecera e continuara a existir sem elle (1).» Muitas outras citações ainda mais frisantes poderiamos adduzir, mas julgamos-o completamente inutil: seria levar a luz ao sol. Potente aos olhos dos menos perspicazes é o intento da impiedade moderna.

«Coisa bem notavel — escreve Monsenhor Gaume — durante a lucta dos dous primeiros seculos entre o paganismo e o christianismo ROMA OU A MORTE foi o grito de guerra entre o paganismo e o christianismo, e a tomada de Roma pelo christianismo foi o triumpho do christianismo e o estabelecimento do seu reinado; ora, está-se renovando a lucta entre os dous antigos belligerantes: Mazzini, Garibaldi, Crispi e *tutti quanti* repetem em côro: ROMA OU A MORTE. Sem ROMA inúteis sam as nossas victorias; mas a posse de ROMA nos dará o imperio do mundo.»

Admiravel e sobre modo mysterioso é o destino dessa Cidade incomparavel e unica no mundo.

«Do mesmo modo que todos os planetas gravitam no firmamento em torno do sol; do mesmo modo que na terra todos os rios tendem para o oceano: assim na ordem divina e na humana, todos os acontecimentos do mundo antigo e do moderno, rematam em ROMA, a Cidade grande e santa como nunca houve» diz Monsenhor Gaume.

Pelo seu destino, ROMA é em certo modo a montanha resplendente, de que fala Isaias, levantada no meio das nações para alluminal-as, ou ainda é para a humanidade como a nuvem, ora luminosa ora sombria, que guiava os Israelitas.

Quando de ROMA irradia a pura e

(1) *Delivrons notre vixul qui n'est pas libre. Jetons le Vatican au Tibre. et proclamons la liberté.*

Reza o estribilho d'uma cantiga maçonica, e actualmente o Grande Oriente de Italia traz emissarios percorrendo todos os Orientes da Europa no intuito de ajuntar subsídios, uma verdadeira contribuição de guerra, para tentar-se um esforço supremo e decisivo que precipitará de ROMA o soberano Pontifoe. (Vid. *Univers* de 21 de nov.)

benefica luz da verdade, vão prevalecendo no muudo a justiça, a virtude, a liberdade, o respeito, todas as dedicações heroicas, a caridade, o verdadeiro e solido progresso; quando pelo contrario esse sol das nações se cobre da tenebrosa cerração do erro, para logo reinam em toda a parte o vicio, a abjeção, o despotismo, e escravidão, uma espantosa decadencia moral.

Eis em duas palavras o resumo da historia de ha trinta seculos.

A posse de Roma é pois d'uma importancia capital e decisiva.

Assim o intendem os partidarios da verdade e os do erro, os filhos de Deus e os filhos de Satanaz.

A lei de Roma é a lei do mundo ou, se quizerem, Roma dá a lei ao mundo:

*«Tu regere imperio populos, Romane, memento  
Parcere subiectis et debellare Superbos.»*

disse o poeta latino, que nos livros sybillinos aprendera os fados da sua *magna Roma*; ou quiçã na inspiração do seu genio.

Como na vespera do mais momento acontecimento que jamais se deu, Caifás proferiu inconsciente a lei sapientissima e mysteriosa da redempção humana e restauração de todas as cousas em Christo, da mesma sorte Crispi proclamando Roma intangivel a lei do mundo moderno, na presente conjunctura, tam relevante e critica, a mais notavel talvez desde muitos seculos, revela-nos uma verdade profundissima e de altissimo alcance politico e moral.

Já Roma com effeito não pertence ao Soberano Pontifice, a quem a dera ha 15 seculos uma Providencia adoravel. Travou-se de novo a lucta entre o bem e o mal pela posse d'aquella cidade.

Quem é que finalmente ficará sendo seu possuidor definitivo?

Será por ventura o naturalismo ou neo-paganismo, chamado idea nova, principio moderno ou sahirá mais uma vez triumphante e revigorada a fé divina encarnada na Igreja Catholica?

D'um lado estão forças colossaes, perfeitamente disciplinadas e servidas por tudo quanto ha de poderoso sobre a terra: opinião publica, paixões ardentissimas, habilidade, astucia, ouro etc. etc. e demais o poder maior dos tempos modernos: a *imprensa*.

Do outro, vê-se apenas um ancião respeitavel, com milicias inermes, *sem recurso humano apreciavel*.

Podemos pois concluir naturalmente com Donoso Cortez, que ao naturalismo pertence a victoria definitiva, porque de mais a mais — como observa o citado philosopho — *o mal triumphava sempre naturalmente do bem*.

E' como que lei da humanidade decabida.

Catholicos, não nos illudamos com fantasiada esperança d'um auxilio fallaz.

A lei das garantias é mera hypocrisia temporaria, exigida pelas circumstancias; não offerece garantia alguma.

Os testemunhos de respeito dados ao Santissimo Pontifice pelos governos não passam de cerimonia officiosas; o mais das vezes teem tido por fim lograr-nos, fazendo crer aos ineptos que o Papa despojado de seu poder temporal goza mais prestigio e pode desempenhar tambem ou melhor o seu soberano magisterio.

Bem pode elle dizer com o poeta:

*Timeo Danaos et dona ferentes.*

Numa palavra, desde a gigantesca lucta do colosso romano contra a igreja nascente, nunca, nunca mais formidavel colligação se formou contra a Igreja de Deus.

Dos governos, repetimol-o, nada ha que esperar naturalmente: «os gabinetes europeus estão empenhados na grande obra da *destruição das potencias catholicas* no que teem de catholicas» diz a notavel circular maçonica que revela todo o plano das seitas no momento presente e que foi publicada em Palermo como commentario ao discurso de Crispi.

Se porem é lei da historia que o mal triumphe sempre naturalmente do bem, certo é que esta lei esta subordinada a outra superior: Deus não permite o mal senão porque esse soberano Senhor é bastante poderoso para fazer que do mal resulte um bem maior: d'ahi deve concluir-se que o bem triumphava sempre sobrenaturalmente do mal. De que modo? nem sempre o percebemos; Deus e os bema-venturados sabem-no.

Cumpra porem compenetrarmo'-nos bem de que pode e deve cada um de nós concorrer para o triumpho: toda a boa obra é um elemento de salvação e victoria. O Soberano Juiz dar-nos-a o triumpho neste mundo se o merecermos. Affirmemo'-nos na pratica da virtude: mais pôde uma alma santa que poderosos exercitos.

Alem d'isso, devemos por todos os modos proclamar exteriormente a nossa fé, a nossa adhesão firmissima ao SS. Padre e promover toda a especie de manifestações em sua honra. Bello exemplo nos estão dando actualmente os operarios catholicos francezes, que, em numero de mais de 10.000, teem ido prostrar-se aos pés do Supremo hierarcha aclamando-o Pontifice-Rei. Não affrouxemos: o intento das lojas é adormecer-nos, tornar-nos insensiveis: *assueta vilescunt*. Estejamos alerta, oremos, suppliquemos, importunemos o Ceu; a hora é solemmissima.

Se de facto o nosso PAE, o Supremo

representante da Justiça e da sanctidade, fôr expulso definitivamente de Roma, então um densissimo veu de trevas estender-se-ha por sobre a sociedade que, minada nos seus fundamentos e privada da sua pedra angular, ruirá n'uma derrocada espantossissima arrastando comsigo a justiça, a consciencia, a virtude, a honra, a liberdade, todo o bem.

Por entre tantas ruinas accumuladas só permanecerá em pé, quaes espectros pavorosos, a **ABOMINAÇÃO** e a **DESOLAÇÃO**, preditas por Daniel, e o anjo das ultimas vinganças, pairando por sobre este novo cahos, fará resoar os quatro cantos da terra as fatidicas vozes de

FINIS VENIT, VENIT FINIS!

J. A. R.

## Baviera

**C**ongresso Catholico Bávvaro, recentissimamente reunido com milhares de congressistas, antes de seu encerramento votou as seguintes resoluções:

I. Um reconhecimento de gratidão aos Venerandos Bispos da Baviera pelo seu zêlo na propugnação pelas Liberdades e Independencia da Igreja Catholica na Baviera;

II. Um desagrado ao Ministerio bávaro, tendo por motivo a attitude tomada por este relativamente ao *Memorandum* dos mesmos Venerandos Bispos, datado de Junho de 1889;

III. Um protesto de obediencia e amor ao Padre Santissimo Leão XIII, de reivindicação dos usurpados direitos do Pontifice Soberano, e contra o monstruoso escandalo realisado com a *apotheose* de *Giordano Bruno*.

A Baviera occupa na Allemanha o terceiro logar na importancia dos Estados allemães; sua Dynastia é Catholica, e seu povo ou habitantes catholicos sam. Faz parte, depois da guerra gallo-prussiana ou gallo-germanica, da nova *Confederação* presidida hoje pelo Imperador Guilherme II, porém resistiu a Bismarck para conservar, e ficou conservando, quanto poudê, a sua *autonomia*. Os bavaros sam bons *soldados* da Igreja de Deus, e da Patria. E' a Baviera uma Nação, que se assignala notavelmente por sua resistencia ás innovações revolucionarias, embora nem sempre, n'estes tempos, tenha tido governo conforme aos sentimentos genuinos nacionaes; o que podemos asseverar *de visu*.

O Rei Luiz de Baviera, avô do actual

Monarcha, e que em uma de suas conversações para mim honrosas me perguntou: *como estam as linhas de Torres-Vedras?* este Soberano passou uma parte de sua vida em Roma, depois que abdicou em seu filho Maximiliano, que foi no throno bávaro o segundo d'este nome. Maximiliano II de Baviera. depois de sua subida ao throno foi a augustissima presença de Pio IX, e sahio de Roma mais cedo do que conta-

arranjo de suas faculdades intellectuaes. Altos Juizos de Deos!

Para dar uma idéa de como é anti-revolucionario o *sentimento bávaro*, muitas vezes com segurança larga consequencia, diremos o que se passou comigo em viagem na Baviera. Perguntei no correr de conversação a um companheiro de carruagem, *Se fallava a lingua italiana!* Por esta simples pergunta suspeitou o meu interlocutor que

um elemento mui ponderavel no curso catholico, e na politica allemã. Presando a *Nação Bavara*, faz-se justiça!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«Vida de S. Pablo de la Cruz, Fundador de la Congregación de Santa Cruz



CRUZADAS

uma participação, que exigia sua brevissima volta a seus Estados. Offereceu este Rei ao Pontifice-Rei Pio IX as duas bellissimas Imagens dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, ao natural e em vidro colorido, que dam nos olhos logo ao subir a grandiosa escada, que do panteo interno conduz á Residencia Papal; notabillissima obra, aquella escada foi feita no Pontificado—Soberano de Pio IX. Do ultimo Rei Luiz e do actual Soberano Bávaro temos a lamentar o des-

fosse eu *um italianissimo*, e agora o verás *que resmungadella!* equivaleu a um protesto de *anti-italianissimo*, e eu em minha innocencia de *não revolucionario* «por Mercè de Deos!» contentissimo no meu intimo pelos bons sentimentos do homem que tomei tambem pelos da Nação bavara, argumentando *de um para todo aquelle Povo; existe a sentença: Ab uno disce omnes!* Não é de uma exactidão *absoluta*, mas sim de muita applicação exacta. A Baviera é

*y Pasión de Jesu Cristo*, por el R. P. Luiz.—Teresa de Jesus, agonisante, d'el mismo instituto, traducida al castellano de la 3.<sup>a</sup> edicion francesa por Sor Maria del Patrocinio de San José, religiosa Carmelita descalza, del convento de S. José en Ruiloba, diócesis de Santander.—Barcelona, imprenta y libreria de la immaculada Concepción, Buensuceso, 13—1889.»

Excellent volume in 8.<sup>o</sup>, de quinhentas paginas, custando o modico preço

de duas pezetas (360 rs.) E' precedido d'um bem elaborado prologo pelo R. P. Cayetano Fernandez. Começa historiado o nascimento do notavel servo de Christo, a sua precoce devoção á Paixão do Salvador e seus primeiros estudos.

Acompanha-o em sua juventude, posto entre os duros combates do inimigo e o influxo extraordinario da graça; narra com unção admiravel as visões do Santo—a gestação do Instituto que é chamado a fundar, a sua missão apostolica, os seus extraordinarios milagres, concluindo com a historiação de sua morte, glorificação e canonisação.

As almas pias encontrarão alimento salutar na leitura consoladora d'esta obra admiravel que, a par de muitas acções dignas de admiração, consigna outras que nos cumpre imitar e estimular preciosos de grande utilidade pratica.

«Relatorio do Seminario de Santo Antonio e de S. Luiz Gonzaga para estudantes pobres, em Braga, no anno lectivo de 1888 a 1889, apresentado á Commissão administradora na sessão de 18 de Agosto.»

Já n'outra parte nos referimos a este relatorio, documento honroso d'uma obra de notavel alcance que de novo recommendamos como digna das maiores sympathias.

«Sermão em acção de graças pelas melhoras e feliz regresso do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha D. José Sebastião Netto, pregado no dia 1 d'Agosto de 1889, na igreja de Santa Justa e Rufina de Lisboa, pelo Dr. José Ferreira Garcia Diniz, Prior da freguezia da Encarnação Lisboa, casa catholica, rua Augusta 182.»

Ao regressar de Salamanca o Eminentissimo Cardeal Patriarcha, recebeu-o Lisboa entre saudações nascidas d'um extremado affecto filial, culminadas por festividade solemne em Santa Justa, onde orou o notavel ornamento do pulpito portuguez, Sr. Dr. Garcia Diniz. Da competencia com que se houve, dá prova o trecho seguinte:

«Sabe o sr. D. José Sebastião Netto, que os pobres e os infelizes de qualquer ordem que sejam, são ou devem ser os mais queridos filhos d'um prelado que comprehenda a alteza e sublimidade de sua missão elevadissima. Sabe o sr. D. José Sebastião Netto, que os pobres constituem a mais predilecta porção do rebanho do Senhor.

«São realmente os pobres que representam o nosso divino Redemptor, segundo elle proprio affirma, quando nos declara que no fim dos tempos serão separados para a esquerda e condemnados ao fogo eterno todos aquelles que tendo-o visto nu, o não vesti-

ram, tendo-o visto faminto, lhe não deram de comer, e sequioso lhe não deram de beber; pois que a elle proprio se intende, que assim o fizeram, todas as vezes que deixavam de usar de caridade e misericordia para com qualquer pobre e desgraçado. O Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa faz dos pobres a sua verdadeira familia. Nenhum lhe bate debalde á porta. Se ainda não careceu de se despojar, como frei Bartholomeu dos Martyres, do proprio colchão em que descança, para amparar alguma infeliz viuva, que lhe pede um pequeno enxoval para o casamento da filha, é porque lhe não tem faltado almas caritativas, que o auxiliam na sancta empresa de fazer bem. E, louvada seja para sempre a summa bondade de Deus, nunca os ministros da religião de Jesus Christo, que comprehendem os seus sanctissimos deveres e com elles cumprem com regularidade, deixam de ter quem lhes dispense a sua protecção e lhes proporcionem os meios para que ellas possam levar o obulo da caridade a toda a parte. O sancto poder, ó força efficaçissima da religião, cada vez me assumbram mais os teus prodigios, as tuas encantadoras maravilhas!! O Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha dispense com os pobres os seus já tão cerceados rendimentos, e é ainda um equitativo distribuidor das esmolas, que em suas mãos depositam almas boas, que sabem lastimar e chorar as desgraças alheias. E as orações, que por causa do funestissimo acontecimento de Salamanca os pobres derigiram a Deus, são de certas perolas mais formosas e as joias mais brilhantes que se engastam na mitra que orna a fronte do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha! Louvemos pois todos, senhores, a Deus que nos socorreu, aquietou os nossos justos temores, restituindo a nós, á patria e á Igreja, são e salvo, um Prelado que em toda a pujança da vida tantas virtudes pode ainda praticar e d'esse modo concorrer para levantar o nivel moral da sociedade portugueza! Louvemos a Deus porque realisou no nosso Prelado as palavras do propheta:—«O Senhor é bom; elle conforta no dia da Tribulação e conhece os que esperam n'elle.» *Bo-nus Dominus...*

Accusamos ainda a regular recepção das publicações seguintes, que muito agradecemos:

«*Le Messager du Cœur de Jésus*, Boletim mensal do Apostolado da oração. Tolouse, rue des Fleurs, 16. Fasciculos de agosto a dezembro;»

«*El Eco Franciscano*, Revista mensal consagrada a fomentar a devoção

do serafico Patriarcha. Santiago. Fasciculos de julho a novembro;»

«*Boletim Popular*—Barcelona—Fasciculos de julho a novembro;»

«*Las Misiones catolicas*, Revista quinzenal illustrada—Barcelona, calle del Buenosuceso, 13. Fasciculos de junho a outubro;»

«*Revista de la juventud catolica*, de Valencia. Fasciculos de julho a outubro;»

«*Revista Popular*, Semanario illustrado, de Barcelona. Fasciculos n.ºs 968 a 987;»

«*Mensageiro do Coração de Jesus*, Liga do Apostolado da oração—Lisboa, rua do Quelhas, 6. Fasciculos de agosto a dezembro;»

«*Boletim do governo ecclesiastico dos Açores*, orgão official da diocese d'Angra. Fasciculos 213 a 218;»

«*Amigo da Religião*, n.ºs 36 a 55—II anno. Braga;»

«*Lu Ormiga d'Oro*, illustração catholica. Barcelona. Fasciculos 33 a 96;»

«*O Domingo catholico*, publicação mensal da obra da Sanctificação do domingo. Funchal, rua do Bispo, 28;»

«*Revista Ecclesiastica de Lamego*, publicação religiosa, litteraria e noticiosa. N.ºs 7 a 18;»

«*Revista de las Hijas de Maria*, bajo la proteccion de la Virgen immaculada. Barcelona, calle de la Princesa, 8. Fasciculos de julho a novembro;»

«*Peregrino de Lourdes*, folha terceirense, dedicada a todos os que amam a religião e a patria—N.º de julho a novembro. Felicitamos este denodado collega por mais um anno de lides, que desejamos ver continuadas com o animo até hoje revelado.»

E. I.

## SECÇÃO NECROLOGICA



ALLECEU em fins do mez d'outubro o digno subdiacono José d'Almeida Quintella, na esperancosa idade de 26 annos, na freguezia de Lalim, da diocese de Lamego. «Foi — diz um nosso amigo — victima de uma ulcera gangrenada, que havia quasi um anno o prostrado no leito da dôr, para d'alli não mais se alevantar. Luclara com varias difficuldades durante sua ordenação, combateram-no repetidas molestias soffridas sempre com a santa resignação, que só a fé sabe ensinar, da qual deu provas até ao ultimo alento. Infeliz durante o rapido

decurso de suas vinte e seis primaveras, esperemos alcance a beatitude depois de sua morte.»

—No principio do mez findo falleceu n'esta cidade a Ex.<sup>ma</sup> D. Rosa Guithermina Ferreira d'Abreu, senhora de acrisoladas virtudes, entre as quaes avultava singularmente a rainha d'ellas — uma incançavel caridade, com que procurava acudir a todos os desprotegidos da fortuna. Deus que toda a acção boa premeia, não deixará por certo de tomar em conta os meritos da veneranda extincta.

—Na Pucariça (Cantanhede), contando apenas desoito annos, findou a vida terrena D. Julia Casimira Pessoa, victima de uma thisica pulmonar. Foi o enlevo, pela suavidade angelical de seu genio, de quantas pessoas tiveram a ventura de conhecê-la, pertencendo ao numero d'aquellas que apenas sabem criar affectos sem jámais produzir uma sombra de malquerenças. Anjo, tenha-a Deus com elles, ou admitta-a breve em seu jubiloso gremio.

—Em S. Miguel das Aves, succumbindo a uma affecção pulmonar, falleceu depois de prolongados soffrimentos a snr.<sup>a</sup> D. Thereza de Magalhães Torres. Esposa e mãe exemplar, modelada pelo typo elevado da mulher forte louvada nas sagradas letras, teve a ventura de ver accollidas ao seguro asylo das congregações religiosas tres de suas filhas, e deixar um filho proximo a nobilitar-se com a immacuada estola do sacerdocio. Aos que na terra a pranteam agora, lembramos as palavras de Felon: «Unamo-nos de coração áquella que choramos, não separada de nós pelo facto de se tornar invizível. Chegada felizmente ao porto, olha-nos, ama-nos, commove-se de nossas necessidades, e óra por nós emquanto nos vê a braços com os naufragios da vida.»

—Outro assignante da nossa Revista, cujo nome não nos foi indicado, findou sua missão no tempo.

A's familias de todos estes nossos irmãos enviamos a sentida expressão do nosso pezame e aos leitores imploramos a caridade de suas preces fervorosas.

D. P.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Cordova — Torres e ponte romanas

(Vid. p. 33)

**P**EMBRA-NOS esta cidade o notavel dominio exercido na peninsula por dois povos em extremo guerreiros, romanos e arabes, cujo nome se acha indelevelmente gravado nas paginas da historia. Decaída hoje ao peso de tantos seculos, consigna em varios de seus monumentos o muitissimo que é devedora ao genio emprehendedor de uns completado pelo arrojo phantasioso dos outros. A cathedral de Cordova, obra de Abd-er Rhaman I, formada sobre as ruinas d'um templo gentilico consagrado a Jano, a famosa ponte romana, guardada pelos elegantes alcaçares que a gravura representa, são prova irrefragavel de como nas margens pittorescas do Guadalquivir se elevava, dominadura por largo espaço, a tenda dos proconsules, substituida mais tarde pela d'esse povo aventureiro, cujo talento se pode ainda admirar nas maravilhas sem numero de que se gloriam Sevilha, Cordova, Granada e Alhambra. *M. F.*

### Cruzadas

(Vid. p. 39)

Em torno da Europa christã acingira seu braço vigoroso o povo formado ao impulso de Mahomet, o homem das Arabias. Era a leoa apertada nas roscas da boa constrictor. O colosso ottomano tinha sob seu poder grande parte da peninsula hispanica, Alger, Tunis, Tripoli, o Egypto de Alexandria a Siene; possuia na Arabia desde Suez, no Mar Vermelho, até Suakim; dominava no Ponto, Phrygia, Lycia, Paphlagonia, Pamphylia, Cappadocia, Armenia, Syria, Palestina, Mosopotamia e Babylonia. Mas não era tudo: na Europa tinha ainda o Adriatico desde Kuin a Ragusa, o archipelago, o Mar Negro, a alta Hungria, a Tracia, a Grecia, a Thessalia, a Macedonia, o Epiro, a Achaia, a Morea, a mór parte da Illiria, a Dalmacia, a Servia, a Moldavia, a Valachia e a Transilvania.

Perante semelhante inimigo, na ponta de cujo alphange ia gravado o terrivel *Cré ou morre*, como era possivel perdurar a Europa christã?

Tutelou-a a Igreja com a auctoridade benefica, acatada, n'aquellas eras de fé, por todos os povos estreitamente unidos pelo suave laço do Evangelho. Como um só homem, desperto á voz de Urbano II, levantou-se o povo christão a combater o inimigo terrivel, que se-

nhoreado do Sancto Sepulcro, ameaçava de morte a quem não abraçasse as leis do Alcorão. Os principes christãos olharam como honra distinctissima traçar no peito a cruz vermelha, deixar os ocios da patria, e caminhar no meio de seus vassallos á conquista da terra sancta. *Deus o quer* era a palavra electrizadora das multidões, que a pé, a cavallo, utilizando os barcos, aproveitando os carros, vestidos de forminas varias e cores diversas, com uma impaciencia jamais vista, só tinham uma idéa a attrahil-os—*Jerusalem! Jerusalem!*

(Continúa)

M. Cardoso.

## SECÇÃO LITTERARIA

### NO CEMITERIO

Aqui, sob os magnolios e os cyprestes,  
Este relvoso chão  
Os dois entes me esconde mais queridos  
Ao terno coração!

Alli, o pae dir-se-ia que inda longe  
Da viagem era o fim,  
Quando ardente *simun* vem fulminal-o  
Co'o sopro impuro e ruim!

Não é duro morrer, quando são cheios  
Os dias do viajor;  
Quando, rasto bemdito, atraz lhe fica  
Das virtudes o olor.

Não é duro morrer, quando, ajoelhados  
E beijando-lhe as mãos,  
O leito de agonia lhe circumdam  
Pobres, mestos anciãos.

Mas da existencia o cume alcantilado  
Fadigoso ascender,  
E, antes que o termo da jornada atinja,  
Baquear, perecer! ..

Aqui repousa o filho: quatro apenas  
Dias de dor viveu!  
Flor que mal desbrochou, pendeu, murchou-se,  
Seccou, desapareceu!

Elle que ao seio, louca de ternura,  
Cingia ovante a mãe,  
Mil beijos, mil caricias prodigando  
A' formosa cecem;

Elle, cujos folgares innocentes  
Sonhavam ver já;  
Cuja voz ouvir criamos angelica  
Dizer: *Mamã, Papá;*

Elle, cujos olhares doces, meigos,  
E sorrisos gentis,  
Nos fariam da terra aspera e dura  
Eden bello e feliz:

Roubou-nol-o invejosa a cruel morte  
Sem piedade, sem dó:  
E o pobre filho sob a verde leiva  
Jaz feito em mudo pó!



Ai! quando á pequenina sepultura  
O coveiro o baixou,  
Estava em torno a natureza em festa,  
Que a dor me redobrou!

Sobre a cova entre-aberta refulgia  
O diurno phanal;  
Trinavam docemente os passarinhos  
No fresco ramalhal.

E desde que lá dorme não se callam;  
Como então, tudo ri;  
A relva de aureas perolas esmaltam  
Mil florinhas alli.

Quanto insensível és, ó natureza,  
A's penas dos mortaes!  
Ignoras quantas dores crava a morte  
Nos corações dos paes?

Ah! quando pobre pae, mãe lacrimosa,  
Sobre uma campa vem  
Curvar sombria fronte, espargir pranto  
Sobre perdido bem,

Não é teu luxo sanguinosa affronta  
A' sua immensa dor?  
Não são teus cantos ironia amarga  
A seu saudoso amor?

Perdido aos quatro dias!... Decorridos  
Vinte e dois annos vão,  
E a memoria e a saudade não me expunge  
Do tempo a fera mão...

Mas perdoae, meu Deus, meu delirante  
Egoismo de pae:  
Bem sei que o anjo que da terra foge,  
A' tua gloria vae.

Por entre as flores os comoros que cobrem  
As cinzas infantis,  
Pascia ha pouco bando de pombinhos  
Candidos e gentis.

Quando me aproximei, soltaram rapidos  
Ao espaço vôo seu:  
Que me diziam?—Sim, que da innocencia  
Morada eterna é o ceo!

Porto—Novembro de 1889.

A. Moreira Bello.

## Brevidade da vida humana

Cada hora nos aproxima pouco a pouco da morte; morre-se ao tempo mesmo em que se falla; e por um andar que nos furta aos progressos insensíveis, o fim da vida accelera os ultimos dias.

Emtanto que a nutrição e o somno, as conversações e os copos vos dam prazeres, que sejaes assentados em vossa casa, que partais para os paizes longinquos, emtanto que fazeis tudo o que fazeis ou que não fazeis nada, a morte marcha sempre sem parar.

Assim como o facho de cera destinado durante a obscuridade da noite a substituir a luz do dia se consome lentamente pelo fogo sem que nós isso percebamos e a flamma devorante corre sempre para seu fim, assim também as coisas humanas morrem terminando-se. Tudo o que a vida anima precipita-se e morre.

St.º Orient.  
5 seculo.

## RETROSPECTO

*Noticias de Roma.*—Consolação dos insultos ao Soberano Pontífice foram as festas da beatificação do Veneravel João Baptista Perboyre, em 10 de novembro e a de Pedro Luiz Maria Chanel em 17 do dito mez. Francezes d'origem, atraíram a Roma os peregrinos da sua patria, que attingiram cifra superior a dez mil, presididos por varios prelados da nação christianisma, cujo affecto á Igreja se vê augmentar de dia para dia. A's festas do Veneravel Perboyre assistiram um irmão e uma irmã do Bemaventurado, vindo aquella de Paris, da casa da Missão, a que pertence, e esta de Napoles, onde e irmã de Caridade. Nas do Veneravel Chanel, primeiro martyr da Oceania, estiveram presentes tres sobrinhos.

Crispi não pôde ter-se que não denunciase a virulencia que lhe convulsionava o coração perante a dedicação filial consagrada ao Summo Pontífice. Ambicionava talvez, que a elle também se inclinasse os peregrinos francezes osculando-lhe o pé. Outro desgosto serio do famoso ministro foi a chegada a Roma do general sir John Lintorn Simmons, embaixador extraordinario da Inglaterra, recebido solemnemente pelo Sancto Padre em 23 do mez findo. Segundo um telegramma enviado ao *Temps*, o general Simmons, além da jurisdicção ecclesiastica de Malta, declarou ter outros negocios a tractar com o Soberano Pontífice. Crispi indignou-se da petulancia com que as nações protestantes accreditavam embaixadores juncto da Sancta Sé, ao mesmo tempo que seu órgão official se mostrava caído das nuvens por que o presidente dos Estados Unidos honrava com sua presença a inauguração da Universidade catuolica de Washington, e consentira se levantasse n'aquelle acto vivas ao papado.

*Eccos do Brazil.*—Que a maçonaria fôra a alma da revolução que transformou um imperio em republica, sabia-o de sobra quem não pensa que ella esta morta, como pensa e diz por ali muita gente illudida ou illusora. Não está

morta a maçonaria: quem viu a altura a que ella subiu, está convencido que na hora em que baquear similhante colosso, ficarão d'elle taes escombros, que para ninguem restará duvida de sua queda e fatal ruina.

No Brazil, em 1882, segundo o Anuario do Grande Oriente francez, existiam:

180 capitulos ou lojas de grau elevado;  
210 lojas, o que perfaz um total de

380 centros maçonicos.

O imperador perdia-se nos labyrintos da sciencia, visitava os philosophos da moda, aspirava a um logar no Instituto de França e deixava em sua casa andarem as coisas á revelia. Por isso fruía as honras de monarcha essencialmente constitucional, desempenhando magistralmente até ao fim o seu papel, depondo nos degraus do throno o manto de arminhos apenas um certo grupo lhe despachou correio com a participação de que, perante a nação brasileira, havia terminado sua immeritoria missão.

Quando virá representar-se em Portugal a tragi-comedia exhibida ha pouco no Brazil? E' possivel que seja breve. A maçonaria não tem levado vida ociosa; a festa a José Estevão, os baptismos maçonicos do 1.º de dezembro, seguidos d'um baile a que assistiram mais de 300 senhoras, baile que durou até ás 7 da manhã, com brindes de elegantes *bouquets* ao grão mestre sr. Elias Garcia, estão patenteando á saciedade quanto a seita, salteadora dos thronos e dos templos, alça a cabeça orgulhosa, espreitando momento de traduzir em factos quanto ha elaborado em projectos. Não se diga que o partido está pequeno ou não se adapta á indole dos portuguezes o regimen republicano, regimen que a vigorar como actualmente o vemos, não é, como raras excepções, mais que a revolta permanente, a Revolução agitada pela maçonaria, a Revolução que caminha sempre, até ver plenamente em suas mãos o destino dos povos, o que seria, no sentir de Monsenhor Besson, o reinado do Antichristo.

«Em Portugal e na Hespanha — diz Donoso Cortez — o partido que está no poder prevalece de tal forma sobre os demais, que grandemente os escurece, sem que por isso se possa intender que não existam.» Isto é assim: é pois mal fundado o jubilo d'aquelles que apontam para as duas candidaturas republicanas como signal da inanidade do partido. Não nos esqueçamos que o suffragio é a mentira: no principio do anno de 1870, n'um plebiscito, sete milhões de votantes affirmavam achar-se contentes com o governo de Napoleão III ao passo que um milhão apenas se

mostrava descontente; o resultado era de serenar os menos crentes no dogma do suffragio, e no emtanto, passados alguns mezes, a França inteira votava o imperador ao esquecimento. Outra prova vimol-a ha pouco nos successos do Brazil. Onze deputados republicanos, que tantos eram os que foram eleitos, prevaleceram aos restantes membros do parlamento. Lemos não ha muito que na tarifa das mercadorias falsificadas tinham logar d'honra os deputados falsificados, e n'esse caso...

Demais ha duas maçonarias distintas, embora intendidas maravilhosamente por detraz da cortina: a maçonaria official ou oportunista e a maçonaria verdadeiramente occulta ou radical, cujo orgão na imprensa é o *Seculo*. Se á maçonaria oportunista convier virar a casaca, meu dicto meu feito, é com a rapidez d'uma mutação de scenario.

Castellar affirmou n'um *interview* que, relativamente a Portugal, não seria difficil a proclamação da republica, se o exercito se não opposesse. Ora é certo que a idea tende a ganhar terreno, e se o governo não for connivente no conloio, cumpre-lhe impedir maior diffusão do contagio, quando não veremos realisada a aspiração revolucionaria — *les rois s'en vont*.

*Dinheiro de S. Pedro.*—O artigo que hoje publicamos n'outra parte da nova Revista, sob a epigraphe *Roma intangível*, incita-nos a lembrar a todos os catholicos quanto nos cumpre acudir generosamente ao venerando Pontífice, augmentando o mais possivel os donativos que possamos offertar-lhe. Não falta quem diga que o Papa está rico: a esses taes não lhes deis ouvidos. elles não pertencem ao Papa. O Papa está pobre. Em outubro passado, o snr. bispo d'Angoulême, para dar um desmentido formal aos inimigos da Igreja, consultou sobre este assumpto o snr. Nuncio Apostolico, que sem demora lhe transmittiu a resposta seguinte:

«É certo que muitos jornaes, desde ha tempos, hão tomado á sua conta exaggerar os recursos da Santa Sé, fazendo avultar demasiadamente o Dinheiro de S. Pedro, que — no dizer d'elles — não só attinge a supprir a todas as despezas, mas ha produzido muitos milhões de economias, como se prova pelas contas do respectivo cofre. Estas malevolas insinuações, com o fim de fazer diminuir as esmolas dos fieis, não se restringem a esta calumnia sómente: vão mais além na sua obra de iniquidade, propalando boatos de legados importantes, heranças enormes com que a Sancta Sé tem sido contem-

plada. Por segura comunicação recebida estes dias da Secretaria d'Estado de S. Santidade, posso formalmente desmentir essas continuadas incidias.»

O Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto, em sua carta Pastoral enviada aos seus diocesanos com data de 7 de novembro ultimo, incita vivamente os fieis a *minorar a penuria do Chefe da Christandade, que ha muito*—diz S. Eminencia—*não vive sendo da caridade de seus filhos.*

Do melhor grado abriria em suas columnas o *Progresso Catholico* uma subscripção em favor de causa tão digna de sympathias, se não vira tão bem regulada a collecta do Sancto Padre por intermedio dos parochos, convidados por seus prelados. Dirija-se pois cada um ao seu parochos, que elle se incumbirá de dar o conveniente destino ás esmolas que lhes sejam confiadas. Apesar d'isso, se alguém para tal fim quizer valer-se de nós, desde já ficamos a seu dispor.

*Novo Mensageiro.*—Esta excellente Revista, cuja administração está confiada ao sr. Manuel Pedro dos Santos, rua do Quelhas, 6, Lisboa, começa o seu decimo anno em janeiro proximo, sendo o seu custo annual 750 reis, excepto para aquellos que, generosamente, quizerem sustentar o preço antigo (1\$000). Como se vê da p. 222 do anno corrente, distribue aquella benemerita empresa assignaturas *gratis* a pessoas pobres, amigas de leitura, e distinctas por seus trabalhos no Apostolado da oração.

Ajudem pois animadamente os catholicos portuguezes esta obra tão digna de sympathias, pelo bem que tem feito e continuará fazendo, visto achar-se entregue a pessoas da maior competencia por saber, zelo e probidade.

*Noticias varias.*—Os jornaes catholicos francezes referiram a morte celebre d'um tal Diot, encanecido na impiedade, cuja final doença começou após um nefando sacrilegio com um rosario da Virgem. «O rosario—conta o parochos de Valliers-les-Grandes (Loir et-Cher) em cuja freguezia se praticou o delicto—tinha sido trazido de Lourdes por uma dama piedosa, e por ella offerecido a uma rapariga, empregada na quinta de que Diot era o feitor. O impio Diot, anexas lhe enxergou o rosario, tirou-lh'o das mãos, e no meio d'um chuveiro de blasphemias foi pendural-o ao pescoco d'um galgo, a modo de colleira. Saindo á caça, matou uma grande lebre, e voltando a casa exclamava todo ancho: «Vou mandar vir um comboyo d'estes rosarios a ver se todos teem a mesma

virtude.» Mas desde aquelle momento sentiu-se accommettido de tão grave doença de garganta, que, passados dois annos de tormentos, falleceu no meio de torturas horriveis com todos os signaes de estrangulação. O medico, impio tambem, jamais pôde entender tão singular doença. O povo d'aquelles sitios, que tanta vez ouvira dizer ao feitor, *que antes queria ver baptizar um beserro que baptizar um homem*, não pôde deixar de attribuir tão extraordinario successo a visivel castigo de Deus.»

—Lemos no Mensageiro: «A obra *Satan et Compagnie*, do ex-33.º e ex-Soberano Grande Inspector Geral, Paulo Rozel, que ha pouco se publicou em Bruxellas, e na qual é completamente desmascarada a maçonaria com documentos insuspeitissimos e officiaes dos proprios mações, está dando muito que falar. Os nossos maçõesinhos fazem de conta que não ouvem e que não sabem nada!» Pudera!

—O Padre Gil, da Companhia de Jesus, entregou a um cidadão de Oviedo a quantia de um conto de reis, recebida de um penitente a titulo de restituição. Dar-se á o caso que os inimigos da confissão a maldigam por lhes ser duro o restituir?

—Em Highgate (Londres) terminou a fundação d'uma igreja catholica, onde podem congregar-se 8:000 fieis. A cupula é mais elevada que a da famosa cathedral de S. Paulo, na mesma cidade.

—D. Feliciano Ferret, viuva, de Sabadell (cidade a 20 kilom. de Barcelona) offereceu para adorno da imagem de Nossa Senhora, venerada na igreja dos Padres Escolapios d'aquella cidade, um magnifico diadema formado com os diamantes de sua adereço nupcial. A joia, digna d'uma rainha, tem sido admirada pelas pessoas mais gradadas da dita povoação.

—Com grande pompa e solemnidade inaugurou se em Forua, na Cantabria, um convento recentemente edificado pelos Franciscanos, sendo innumeradas missas e communhões d'aquella dia, e jamais visto n'aquelles sitios tão notavel concurso de fieis. Orou o afamado prégador Padre Dominico, sobrinho d'um fervoroso catholico, martyrisado ha annos no Tonkin, Valentim Berrio Ochoa.

—D'uma Revista estrangeira extractamos o seguinte: «O Em.<sup>mo</sup> Cardeal Netto, Patriarcha de Lisboa, apenas occupou a séde patriarchal, declarou guerra acerrima ás seitas maçonicas, que teem saturado de amarguras seu magnanimo coração. Ha-lhes porém elle vibrado golpes terriveis. Ao ver o Em.<sup>mo</sup> Purpurado a apothese feita pela seita infernal ao apostata Giordano Bru-

no, levantou sua voz auctorizada, protestando energicamente em uma notavel Pastoral contra o attentado sacrilego, e anathematisando com um zelo apostolico as diabolicas doutrinas da maçonaria. D'ahi o tomarem-no os adeptos para alvo de sarcasmos e calumnias vomitadas pela imprensa maçonica em Portugal.

—O conde Frederico, primogenito do conde de Galen, de Oldenburgo (Prussia) renunciou aos direitos de primogenitura, e foi ordenado sacerdote. Uma sua irmã tinha professado no convento do Sagrado Coração. Hoje como sempre, Christo recruta a sua milicia em todas as classes.

—N'um terreno cedido pelo principe Odescalchi fundou o Sancto Padre Leão XIII um hospital para incuraveis. O municipio romano discute ha mais d'um anno a fundação d'um hospicio analogo. O Papa e os catholicos generosos—diz a *Ormiga d'Oro*—não discutiram o hospital, fundaram-no.

—O protestantismo está dispendendo em Hespanha uma somma importante das sociedades biblicas, na diffusão de innumerados folhetos, que, acto continuo, passam a ser queimados na praça publica pelos catholicos zelosos. Faça-se o mesmo em Portugal, para que nos deixem em paz os miseraveis propagandistas e vão entreter a sua actividade em monte maninho.

—Para fechar: O catholicismo nos Estados Unidos ostenta um vigor que maravilha. O centenario de Baltimore celebrou o primeiro seculo catholico n'aquellas regiões d'um futuro grandemente promettedor; a fundação da Universidade catholica em Washington é obra de incalculavel alcance; os catholicos que em 6 de novembro de 1789 eram quarenta mil, hoje são nove milhões, com 13 arcebispos, 71 bispos, 8:000 padres, 10:500 igrejas, 27 seminarios. 650 collegios, 3:100 escolas parochiaes frequentadas por 600:000 creanças, 520 hospitaes com muitos asylos para a infancia. Em vista d'isto, não deporão as armas os que juraram derribar a Igreja? Não, não depõem porque o chefe que lhes preside, as não depõe tambem, sendo continua a lucta até ao fim dos tempos. No entanto, a Igreja será sempre a arca-

sobrenadando á flor da agua, sem temer jamais o rebramar dos diluvios.

Dezembro 7.

M. F.

## ANNUNCIOS

### PUBLICAÇÃO OPPORTUNISSIMA

## O hypnotismo outra vez em moda

*Historia e discussão scientifica*

PELO

P. JOAO JOSE FRANCO, S. J.

Vertido livremente da traducção franceza de

A. DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

POR

*Manuel Maria Fructuoso*

Editor—DR. JOSE RODRIGUES COSGAYA

Um bello volume. . 400 reis

Requisições ao Editor, com o seguinte endereço:

*Collegio da Formiga — Ermezinde — PORTO.*

Com endereço analogo podem ser adquiridas as seguintes obras, editadas pelo mesmo:

*Cathecismo Manual*, 60 reis; *Jesus no coração do sacerdote* (2.<sup>a</sup> edição accrescentada), 290 reis; *Suspiros de Santo Agostinho*, 80 reis; *O Pudre Nosso, por Santa Theresza de Jesus*, 40 reis; *Reflexões christãs para todos os dias do anno, pelo P. Nepveu* (2 volumes), 1\$200 reis; *T. Livii Historiarum ab urbe condita—Libro qui supersunt*, 600 reis brochado e cartonado 700 reis.

EDITOR—JOSE FRUCTUOSO DA FONSECA



CONDE DE SAMODÃES

## MEZ DOS FINADOS

MEDITAÇÕES

Para o mez de Novembro

*Com approvaçõ e indulgenciado por S. Em.<sup>a</sup> o Snr.*

CARDEAL, BISPO DO PORTO

*Que concedeu 100 dias d'indulgencia a quem devotamente lêr uma meditação d'este livro.*

Preços

Brochado . . . 300 réis

Encadernado . . 420 réis

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.

## O MEZ D'OUTUBRO

CONSAGRADO A

NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Traduzido do italiano sobre a versão franceza do Conego Hallex

PELO PRESBYTERO

MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO

*Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villu do S. Sebastião na Ilha Terceira, etc., etc.*

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Approvado, recommendado e indulgenciado pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup> Snrs. Arcebispo de Braga e Bispos de Angra, Funchal, Lamego e Nilopolis.

1 volume de 256 paginas 200 reis.

Com iinda capa de percaline 300 r.

## LA BORDADORA

Publicação summamente util e indispensavel a todas as sr.<sup>as</sup> Professozas e amadoras, que desejem estar em dia com os progressos d'esto ramo de labores. Barcelona.

Assigna-se na Livraria dos successores de Teixeira de Freitas, rua de S. Damaso, 5 a 9, Guimarães.

# O PROGRESSO CATHOLICO

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 réis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 réis—Estados da India, China, e America, 1\$220 réis, moeda portugueza—Numero avulso 100 réis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro**

Tudo o que se refira á redacção será enviado a Manuel Maria Fructuoso—NEGRELLOS. Tudo o que pertença a administração seja derigido aos successores de Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães.